

OS GATOS E O *NEKO* DE NATSUME SÔSEKI: UMA ANÁLISE SOBRE AS PERSONAGENS FELINAS DE *EU SOU UM GATO*¹

THE CATS AND THE NATSUME SÔSEKI'S NEKO: AN ANALYSIS OF THE FELINE CHARACTERS OF *I AM A CAT*

*Joy Nascimento Afonso*²

Resumo: O presente artigo procura entender como se dá a construção das personagens felinas no romance *Eu sou um Gato* de Natsume Sôseki. Primeiro retomamos várias concepções da figura do gato na literatura universal, e as comparamos com a personagem principal do romance, que em muitos aspectos é uma paródia de várias figuras lendárias. Tendo como propósito ressaltar as mudanças sociais do período Meiji (1868-1912), assim como, criticar por meio do vocabulário das personagens as estratificações sociais do período citado.

Palavras - Chave: Romance Paródico; Eu sou um Gato; personagens felinas; Natsume Sôseki; gato- narrador.

Abstract: This present article attempt to understand how happen the construction of feline's character in novel *I am a Cat* of Natsume Sôseki. We begin with a reprise of various conceptions of cat's figure in universal literature, and we compare it with novel's characters, that in many aspects are the parody to this mythical figures, for the purpose of accentuate the social change of Meiji period (1868- 1912), such as, to criticize by character's vocabulary the social stratification that cited period.

Keywords: Parodic Novel; I am a Cat; feline's character; Natsume Sôseki; cat- narrator

1 Artigo submetido em 21/09/2018 e aprovado em 12/11/2018.

2 Doutoranda em Literatura Comparada e Professora Assistente Mestre no Departamento de Letras Modernas, Área de Japonês, da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (UNESP), Assis, Brasil; joynafonso@gmail.com (ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-0994-5524>).

1. Introdução

O presente trabalho é resultado de uma releitura de nossa dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2011. Neste artigo nossa intenção é ressaltar de forma sucinta as observações feitas em dois capítulos de nossa pesquisa. Para isso primeiro daremos vários exemplos de modelos de personagens felinos da literatura universal e, num segundo momento, as personagens do romance *Eu sou um gato* serão analisadas.

O romance *Eu sou um gato*, escrito entre os anos de 1905 e 1906, foi publicado primeiramente na revista literária *Hototogisu* e posteriormente no jornal *Asahi*, e possui como foco narrativo principal um gato. É esta figura - que ora age como felino e ora como ser humano - que irá guiar o leitor em meio ao mundo humano de seu dono, seus pensamentos, crises e fracassos. Junto aos percalços dos humanos, sua vida e ponto de vista do felino nos permite ver além das máscaras e conveniências sociais.

Durante a leitura do romance encontramos além do gato-narrador (que chamaremos de “*Neko*”³), outras personagens felinas que em muitos aspectos - físicos e intelectuais - lembram os gatos de outras obras ocidentais e lendas orientais. Percebemos assim que o autor se utiliza da paródia dessas personagens para construir os gatos de *Eu sou um gato* criando algo novo, adaptado à realidade nipônica, assumindo uma nova forma e objetivos.

Sobre a concepção de paródia, escolhemos a definição de Aragão (1980, p.19) onde paródia é o questionamento do modelo literário “sobre o qual se estabelece, da mesma maneira como este questiona o discurso ideológico epocal, numa dinâmica dialética, em que se aceitam e se afastam, ao mesmo tempo, as verdades de um mundo em constante transformação”. Dessa maneira, paródia não é uma simples cópia de outra obra ou tema, mas sim transformação e questionamento de algo feito anteriormente, o que levaria a uma nova concepção temática e reconstrução de novos modelos.

Além disso, a paródia permite o que BAKHTIN (2010) denomina como “plurilinguístico literário” ou “construção híbrida” segundo o qual podemos perceber duas linguagens, duas perspectivas fundidas em uma só. Segundo o crítico russo isso é possível porque o discurso paródico “afasta ainda mais o autor de sua linguagem, complica ainda mais a relação dele com as linguagens literárias de seu tempo, sobre o próprio território do romance” (p.114). Seguindo este pensamento, ao parodiar vários modelos felinos, múltiplas linguagens são inseridas no romance.

3 Neko: gato em japonês. Utilizaremos esse nome para identificar o gato-narrador que não tem nome na obra.

2. A Figura Felina

Após a leitura de muitas obras ocidentais e orientais sobre gatos, algo de especial nos chamou a atenção: a maneira como os gatos são vistos em ambas as culturas. Na cultura ocidental ele assume muitas vezes uma forma maléfica: gatos pretos associados a bruxas e à maldade; já no oriente o gato é visto sob duas concepções: uma boa e outra má, tudo dependerá de como será criado.

A primeira vez que se ouve falar de gatos domesticados e cultuados é em documentos e desenhos do Egito Antigo, pelo fato dos faraós adorarem o gato na figura da deusa Bastet, representada comumente com corpo de mulher e cabeça de gato. Essa deusa, segundo Chevalier (1986), era símbolo de calor, luz e energia, “benfeitora e protetora do homem” (p.524). Dizia-se também que era a deusa da lua, tendo o poder de fertilizar a terra e curar as doenças dos homens, além de conduzir as almas dos mortos ao mundo de descanso. Naquela época os gatos tinham a fama de serem guardiões do outro mundo e eram comuns em muitos amuletos. Seus templos foram abrigos para inumeráveis gatos, e ali eram tratados como a personificação da divindade. Os gatos, criados no templo da deusa, eram tidos como servos que ajudavam o homem “a triunfar sobre seus inimigos ocultos” (Ibidem, p.525). Os egípcios raspavam suas sobrancelhas em sinal de luto e lamento pela morte de seus gatos que eram, por vezes, mumificados. Os sacerdotes de Bast designavam o gato como *aquela que vê*.

Na Europa, no período da Inquisição (entre 1022 e 1761), os gatos pretos foram associados à feitiçaria e ao culto de demônios, por isso, passaram a ser caçados e mortos aos montes. Em Ypres, na França, centenas de gatos eram atiradas do alto do campanário em um festival anual. Milhares de gatos foram sacrificados durante a Páscoa e “no *Corpus Christi* em Aix-en-Provence, jogavam os animais para cima, bem alto, e eles se espatifavam no chão” (DARNTON, 1986, p.123). A perseguição chegou até a América quando, em 1692, várias pessoas foram assassinadas em Salém, no estado de Massachusetts, acusadas de feitiçaria; nessa época a população de gatos praticamente desapareceu, já que até quem alimentasse um gato era visto como bruxo. Foi principalmente a partir desse período que a figura felina passou a ser associada ao mal e à crueldade. No entanto, devido a essa quase extinção dos gatos, surge a peste negra devido à multiplicação dos ratos, dizimando quase um terço da população europeia. Alguns culpavam os gatos, mas no século XVII, com a abolição das leis da feitiçaria, a perseguição sobre eles também é abolida.

Ao contrário da Europa, no Oriente Médio, associava-se o gato à primeira mulher de Adão, Lilith, que, segundo uma lenda judaico-hispânica, ao ser expulsa do paraíso transformou-se em uma grande gata negra com instintos vampírescos, conhecida no Norte da África como *El – Brusha*, que significa bruxa ou ‘olho do demônio’, e seu objetivo era matar a prole de Eva da qual tinha inveja. Ainda para os judeus, “a origem

do gato é datada da Arca de Noé que pediu a Deus ajuda visto que a multiplicação de ratos estava tomando a arca. Assim, o leão soltou um espirro dando origem ao gato, com instintos de leão para caçar ratos” (CHEVALIER, 1986, p.525).

Da mesma forma que os judeus, os mulçumanos também viam o gato como um grande caçador e ajudante. Conta-se em uma lenda islâmica que um gato salvou o profeta Maomé de uma serpente, e foi tratado pelo profeta, que o chamou de *Muezza*. De acordo com a lenda, Maomé amava tanto seu gato que, ao ser chamado para orar, preferiu cortar a manga de seu manto onde *Muezza* dormia a acordá-lo. Alguns dizem que o “M” na testa dos gatos listados foi criado pela própria mão do profeta. Além disso, nas doutrinas do profeta Maomé, encontramos uma observação para as mulheres que praticam crueldade com os gatos: irão para o inferno depois da morte. Na cultura mulçumana “um gato totalmente negro possui qualidades mágicas [...], pois simboliza a obscuridade e a morte” (CHEVALIER, 1986, p.525).

Diferentemente da cultura europeia e americana, as visões budistas, tanto indiana quanto chinesa e japonesa, observam o gato gerido por duas naturezas, uma boa e outra má, em virtude de o associarem às várias faces dos deuses. Por isso, nos cânones budistas, o gato é excluído da lista de animais protegidos, “devido ao fato de que, no momento da morte do Buda, quando todos os animais se reuniram para chorar seus restos, o gato não só manteve seus olhos secos como comeu o rato que trazia o remédio da cura” (Idem, p.523). Já no horóscopo chinês o gato não é citado, porque, preguiçoso, segundo a lenda, dormiu no dia em que foi chamado para se alistar.

Para os budistas da Birmânia, que treinavam seus gatos em um mosteiro, acredita-se que um velho monge, chamado *Mun Ha*, devoto do Deus Dourado do Olhar Azul, *Tsun-Kyan-Kse*, ou Deus da Imortalidade, possuía um gato branco chamado Shin. Certo dia, o mosteiro foi atacado e, apesar dos monges acharem abrigo no santuário do templo, *Mun Ha*, ao se deparar com o mosteiro sendo tomado por inimigos, acabou morrendo. Nesse momento, seu gato subiu sobre sua cabeça, não permitindo que ninguém se aproximasse do moribundo e naquele instante, de alguma forma, sua cor mudou de branco para dourado, seus olhos tornaram-se azul safira - como o do Deus da Imortalidade - somente a ponta de sua cauda e suas patas, que repousavam sobre o monge, continuaram brancas. A característica daquele gato passou a todos os seus descendentes, fazendo com que surgisse a raça de gatos da Birmânia, ou gato birmanês, que só a partir de 1919 passou a ser encontrado fora da Birmânia.

A figura do gato não é menos ambígua em se tratando de lendas. Na lenda indiana do *Gato da Flor Dourada*, um monge envia o seu gato ao reino divino para encontrar uma flor dourada que o levaria a alcançar poderes de cura, e o gato, que era branco, ao tocar a flor ficou dourado, ou “laranja”. No Japão, no entanto, a figura do gato “laranja” representa um espírito maligno que se transforma em uma bela mulher com instintos

antropofágicos. Na China eram feitas estátuas em forma de gato e colocadas nas entradas dos templos para afastar os maus espíritos; os chineses acreditavam em duas espécies de gatos, uma boa e outra má, que eram distintos pela cauda, visto que o gato mau possuía uma cauda dupla.

No Japão, assim como na China, verificam-se também histórias folclóricas sobre essas duas espécies de gatos. Os japoneses acreditavam, por exemplo, que o gato podia mudar de forma, assim como a raposa e o texugo, a fim de enfeitiçar os homens, e há quem acredite que os gatos podem controlar a morte enquanto dançam. Os primeiros gatos, segundo a historicista Katherine M. BALL (2004), “foram introduzidos no Japão por Fujiwara no Sanesuke, um nobre da corte do Imperador Ichijo. Eles foram trazidos da China, e eram tratados como bichinhos domésticos” (p.149), mas logo depois vistos com desconfiança e medo, pois, para alguns, o gato é um ser ingrato, devido à sua independência e altivez.

No Japão, existe ainda a lenda do *nekomata*, ou “gato gnomo”, um felino com inclinações a ser tomado por maus espíritos, e assim como para os chineses seria distinguido por uma cauda com duas pontas; para evitar esse gato mau, estimulou-se por anos que se cortasse a cauda do gato, dando origem ao gato japonês ou “Bobtail Cat”, o gato da cauda curta. “Um gato pode se tornar *nekomata* de várias formas: envelhecendo, ficando preso por vários anos, crescendo até certo tamanho e tendo uma cauda muito longa. Se a cauda do gato não fosse cortada, quando este envelhecesse se tornaria um *obakeneko*, literalmente traduzido como “gato fantasma”, sem equivalente no ocidente” (BALL, 2004, p.149). Nas lendas nipônicas esse gato também assume duas naturezas, uma boa e outra má. Se ele for amado e seu dono for injustiçado, ele se transforma em *obakeneko* para vingar seu dono; no caso de o gato ser morto injustamente, ele volta para atormentar a família com bolas de fogo ou come o dono e reaparece em forma humana. Há quem diga que este gato torna-se grande por passar anos absorvendo conhecimento humano e sabedoria, podendo até andar sobre duas patas.

Como vimos anteriormente, para os japoneses, nem todos os gatos são de mau agouro; um exemplo disso é o gato listrado – *mikeneko*, literalmente “gato de três cores” – o qual os marinheiros acreditavam ser auspicioso para uma boa viagem. “Para eles, se um gato cruzar seu caminho antes da viagem é sinal de boa sorte, mas se um desses bichanos for visto deitado com as patas cruzadas é sinal de desgraça” (HADLAND, 1913, p.264). Assim como no Egito, o gato, para os marinheiros, seria o guardião das almas dos mortos e, quando uma pessoa está se afogando no mar, é o gato que leva a sua alma para um lugar distante a fim de protegê-la do sofrimento. Por isso, nos navios, sempre há um gato que exerce, segundo a lenda, duas funções: a primeira de manter a embarcação que o abrigou livre de ratos, e a segunda função que é a de prever o que poderá acontecer na viagem; por isso cada comportamento seu é observado. Por exemplo, se o gato miar muito é sinal de perigo à frente; se ele brinca é sinal de bom tempo; se ele lambe sua pele em sentido contrário, ou seu focinho e patas, é sinal

de tempestades de raios; se ele espirra, significa chuva. De acordo com a tradição, se alguém afogar um gato de marinheiro, seu destino passará a ser ligado à sorte do navio: se ele sofrer tempestade ou desastre, assim será a vida da pessoa.

Assim como o *mikeneko* há ainda na tradição japonesa outro gato conhecido como protetor e talismã: o *manekineko*, literalmente traduzido como “o gato que convida” ou “o gato que acena”. Há várias lendas que explicam a aparição desse gato e sua fama de trazer prosperidade aos seus donos. A lenda mais conhecida é datada do século XVII, quando o Lorde Ii Naotaka do distrito de Hikone, perto de Tóquio, voltava do cerco e tomada do Castelo de Osaka; surpreendido por uma chuva repentina resolve abrigar-se debaixo de uma árvore, perto de um templo no qual vivia um velho monge budista e seu gato Tama. Os dois viviam em extrema pobreza, a ponto de dividirem a comida todos os dias, já que o templo não atraía muitos visitantes. Enquanto o Lorde Naotaka tentava fugir da chuva, percebeu que do outro lado da estrada havia um gato que acenava, convidando-os a entrar. Naotaka achou aquela atitude estranha e quando foi até o gato, um raio atingiu a árvore sob a qual ele estivera abrigado até pouco. Assim, Tama acabou salvando o bravo guerreiro. “O samurai, impressionado com o gato e vendo a situação miserável do templo, resolveu tornar-se protetor do mesmo; em homenagem ao gato uma estátua foi erigida em forma de um gato acenando, originando o *maneki neko*” (SETO, 2008). O templo ficou famoso por este episódio e prosperou, já que a família do Lorde adotou-o como templo oficial, passando a ser chamado de Templo Gôtokuji. Atualmente, as paredes desse templo, no distrito de Setagaya, são adornadas com pinturas de gatos *bobtail* e abriga doze estátuas desse gato mágico. Donos de gatos perdidos ou doentes vão até este templo fixar placas de oração contendo a imagem do *maneki neko*.

Outra perspectiva do uso desse talismã foi a abertura do Japão ao Ocidente, ligada à indústria do sexo. Desde o período Edo havia nas casas de prostituição das grandes cidades uma prateleira com talismãs da sorte em forma de pênis, mas, após a abertura ao comércio com países ocidentais, as práticas de produzir, comprar e mostrar esses talismãs foram proibidas pelo governo de Meiji, que queria mostrar ao ocidente um país moderno que respeitava o cristianismo. Para difundir esses estabelecimentos, os proprietários passaram a produzir imagens de uma gueixa com um gatinho no colo, ou a seu lado. Com o tempo, os primeiros talismãs foram esquecidos e substituídos somente pelo gato, acenando e convidando os clientes a entrar. Nas palavras de Ball (2004) “enquanto o gato, em muitas nações, tem sido associado à mulher, particularmente a mulher idosa, no Japão a gueixa, ‘garota cantora’ surge tendo sido restrita para esta distinção, ambígua devido aos encantos que ela exerce sobre o sexo oposto” (p.154).

Voltando o olhar, agora, sobre a figura de gatos na literatura universal, também perceberemos uma figura ambígua e sagaz. Na lenda de Charles Perrault do *Gato de Botas* a personagem usa de artimanhas e bajulação para alcançar o favor real para seu amo e consequentemente para si mesmo. O Gato de Cheshire de *Alice no País das Maravilhas*, do escritor britânico Lewis Carrol, que possui esse nome devido à sua raça,

o *British Shorthair*, possuidor de pêlos curtos, cinza e de grandes olhos alaranjados, é descrito no desenho da Disney como Gato Mestre, tendo como características o poder de sumir e aparecer como um fantasma; por vezes somente os seus olhos permanecem observando Alice. Não usa uma linguagem compreensível para a menina e nunca lhe dá uma resposta satisfatória, sempre confundindo-a. Alguns críticos o veem como a consciência da menina, outros como a voz adulta que sempre nos leva a questionar nossas atitudes. Ele é ambíguo não porque não responde às perguntas, mas porque nunca responde como a menina espera. Já na visão do cineasta Tim Burton, em sua refilmagem de Alice no País das Maravilhas⁴, o gato de Lewis Carrol assume uma posição mais misteriosa e satirizante do que na primeira versão da Disney: o Gato Risonho não é mais coadjuvante da menina, mas aquele que a leva a refletir sobre suas dúvidas interiores.

Há ainda o gato preto, Plutão, do conto *Gato Preto* de Edgar Allan Poe, que vinga a morte de sua dona, entregando à força o seu algoz, que a enterrara na parede de sua casa por ciúmes que sentia do gato.

3. Os felinos em *Eu sou um Gato*

Sem dúvida, uma das primeiras coisas que nos chama a atenção ao tomarmos a obra é a sugestão deixada pelo autor no título da mesma – *Eu sou um gato*, título que evidencia uma afirmação de sua identidade cheia de petulância e orgulho, através do vocábulo *Eu*, em japonês *Wagahai*, um pronome de primeira pessoa não usual, utilizado por grandes generais e pelos nobres como forma de se autoelogiar com orgulho. No dicionário vernacular encontramos esse vocábulo sendo usado atualmente como expressão de soberba, presunção, altivez e arrogância.

Deste modo, o autor propõe, já no título da obra, algumas reflexões, sendo uma delas a autoafirmação presunçosa de si mesmo por um simples bichano; que ao se auto afirmar, julga-se superior não só aos de sua raça como também superior ao próprio homem, tornando-se uma parodização do uso linguístico do vocábulo *wagahai*, que sendo utilizado somente por nobres, o gato sem nome assume a posição de um nobre. Uma clara sátira dos títulos da corte, que foram extintos após o período Meiji. Vemos também um aparente paradoxo na autoafirmação de um alguém sem identidade, já que sem possuir um nome ou até mesmo um sobrenome, o homem passaria a ser um desconhecido na sociedade de Edo (1603-1868), visto que nesse período, a falta de um sobrenome remeteria a falta de títulos e status. No caso do gato, no entanto, embora sem nome, ele cria sua identidade ao assumir a voz que conta a história, convidando-nos a desvendá-lo.

O romance de Natsume Sôseki gira em torno da narrativa de um gato de rua que é adotado pela família de um professor de ensino médio, chamado Kushami. O primeiro capítulo, mais curto que os demais, descreve o nascimento e a forma como gato vai parar na casa do professor, que passa os dias dormindo e encontrando os amigos

4 Tim Burton, *Alice in Wonderland*, 2010, 108 minutos, Distribuição: Disney/ Buena Vista.

pseudo intelectuais do período Meiji. Os capítulos seguintes apresentam outros gatos da vizinhança, como uma clara paródia da sociedade da época e discute a formação social japonesa, mesclando temas filosóficos, ao dia a dia da casa de Kushami.

O gato do romance de Sôseki poderia ser, assim como o *Gato de Botas*, aquele que traz reconhecimento ao seu amo, visto que no Ano Novo, Kushami passa a receber cartões postais que remetem à figura do gato e doces de Okayama. Kushami, pouco notado na sociedade, passa a ser reconhecido através da figura do gato. Entretanto, o caráter de Neko também oscila para o mal, ou melhor, para a crítica ao não se deixar subjugar pela força humana; ele por vezes até age com certa superioridade em relação aos homens, principalmente com seu dono. Assume a figura do gato gnomo, ou gato fantasma – *nekomata*, ao ler os pensamentos humanos, adentrar ambientes sem ser notado e falar ou agir sem ser visto. Não à toa que esse gato não tem nome, podendo assim assumir várias formas ou dar voz a várias personagens. Sua forma é ambígua a fim de proporcionar a multiplicidade da voz narrativa.

Essa crítica satírica, notada nas ações do gato narrador, também será encontrada nas outras personagens que aparecem somente no primeiro capítulo, que têm um perfil específico e um discurso que revela um pensamento, uma reflexão e até uma crítica ao caráter humano, devido à parodização do discurso humano. Segundo o crítico japonês Itahana Atsushi (1985), são essas linguagens divergentes que formam o mundo dos gatos, que se baseia ou parodia o mundo dos seres humanos.

Na verdade, somente em uma passagem do primeiro capítulo, é que o discurso desses gatos sobressai-se ao das personagens humanas; nos capítulos seguintes eles não aparecem mais. Para o crítico japonês Ôsugi Shigeo (2004), em seu ensaio “O Instrumento Chamado Narrador”, a não citação desses personagens-gatos nos capítulos posteriores é uma mostra de que o “gato esquece-se de si mesmo e passa a preferir os seres humanos, para poder criticá-los” (p.311). Ainda segundo Ôsugi, é a partir do segundo capítulo que o gato-narrador passa a ter mais liberdade de se expressar em comparação ao primeiro capítulo, onde ele é mais contido e “parece inferior aos outros” (Idem, p.310).

No entanto, mesmo que o gato pareça mais contido no primeiro capítulo, será no discurso de seus vizinhos-gatos que notaremos uma crítica direta ao caráter humano, e conseqüentemente a retomada das influências das figuras felinas, retratadas no item anterior. Um dos exemplos disso é o discurso da gata Shiro, que vive na casa de um militar aposentado e ironicamente defende uma luta acirrada contra os seres humanos, a fim de que outras raças possam viver em paz. No discurso da gata branca, que é respeitada por todos, notamos principalmente em japonês, o uso de uma linguagem mais formal; quando o gato descreve a fala da vizinha, há certa influência da profissão do próprio amo dela, que por ser militar deveria usar a linguagem mais polida, por se reportar publicamente.

Shiro, numa primeira descrição, é vista como uma gata dócil, mas ao analisar a fundo o seu discurso, podemos ver que ela odeia os seres humanos; para ela “não há criatura mais impiedosa do que o ser humano” (NATSUME, 2008, trad. Jefferson J. Teixeira, p.15), pois ao dar a luz a quatro filhotes, seu dono mandou um estudante pensionista afogá-los no lago atrás da propriedade. O fato de os seres humanos agirem por interesse próprio, mesmo em relação àqueles que os servem, é o foco principal desse discurso, chamando a atenção para a questão dos gatos que, se quiserem expressar seu amor filial e “manterem uma vida familiar decente, urge lutar contra os humanos até levá-los à completa extinção” (Idem). O autor ressalta, assim, que não só em Meiji, mas também durante em outros momentos sociais – se pensarmos nesse discurso em épocas posteriores - as guerras e lutas parecem ter um objetivo que sempre leva à extinção de outro povo. Afinal, para o ser humano, sempre haverá justificativas para a extinção do outro.

O gato Mike, cujo nome lê-se *Mikê*, ou gato de pelagem de três cores, para nós o gato listrado – conforme citado anteriormente, tem muitos significados na cultura nipônica, e um deles é a fama de trazer bom augúrio às viagens de navio, além de trazer sorte para aqueles que o possuem em forma de *maneki neko* em seu estabelecimento – este, no caso, vive na casa de um advogado. No discurso do gato Mike, notamos também certa influência da linguagem de seu próprio dono, focando as leis estabelecidas pelo próprio ser humano, que assim como para Shiro, favorece só o interesse deles mesmos. Para Mike, os seres humanos não entendem o significado de direito de propriedade e já que para os gatos, aquele que acha primeiro o alimento tem o direito total sobre aquilo e pode usar a força bruta se alguém se opuser. Ao contrário disso, os humanos “confiscam” o que, por direito, pertenceria aos gatos que, segundo Mike “usam sua força para usurpar de nós o que teríamos o direito de comer” (NATSUME, 2008, trad. Jefferson J. Teixeira, p.15). Nesse aspecto, o discurso do gato do advogado, ressalta o direito de posse ainda hoje tão controverso.

Outro felino que aparece no primeiro capítulo é a figura imponente do gato preto Kuro, o gato do puxador de riquixá, no qual o autor consegue mesclar a figura fantasmagórica do gato preto associado à personalidade de um rei. A descrição dessa personagem causa-nos a impressão daquele gato “preto” das bruxas ou do Egito antigo que velava as almas dos mortos: “Era um gato totalmente negro. Os raios de sol (...) se irradiavam sobre seus pêlos, (...). Sua estrutura corpórea bem lhe valeria entre os gatos o apelido de Rei” (Idem, p.19); sua descrição também nos lembra o gato Plutão, do conto *Gato Preto* de Edgar Allan Poe, pois seu tamanho chega a assustar até cachorros e seu tom de voz reforça sua força e presunção, pois age sempre como um felino superior ao simples gato da casa do professor. No entanto, apesar de sua opulência à primeira vista, ele não deixa de ser o gato do puxador de riquixá, conhecido talvez em nossa cultura como o gato vira-lata, que tem aparência assustadora, mas ignorante. No caso da obra é assim visto por não reconhecer a sabedoria dos que o rodeiam.

Através da linguagem de Kuro, aspectos da própria cultura são ressaltados, pois assim como os gatos anteriores ele seguirá um padrão de linguagem semelhante ao de seu dono. Ele é a figura que representa o povo simples, o trabalhador braçal, advindo do período anterior, em que a maioria da população vivia da agricultura e sem acesso a uma educação pública, e apenas uma minoria gozava das benesses de uma conjuntura política feita por eles e para eles. Kuro, representa essa figura do passado, que sente orgulho disso e não se intimida frente ao discurso acadêmico de Neko; ao contrário, despreza-o e zomba dele por sua magreza.

Para Kuro a identidade de um gato está em sua força e em seu tamanho. Isso porque o Neko propõe então uma discussão sobre quem seria superior, um professor ou um puxador de riquixá? Na verdade, a intenção era a de mostrar a ignorância de Kuro, e há uma gama de discussões propostas interiores no discurso do gato, como o reconhecimento social de uma profissão *versus* profissões que se utilizam mais da força. A resposta de Kuro, no entanto, parece entender mais da realidade prática do que o gato do professor, porque para ele a inteligência ou o tamanho da casa não mata a fome, mas sim a força do braço. O gato do puxador de riquixá possui uma visão mais cotidiana e prática, baseada não em filosofia e ideias, levando-nos a refletir sobre a questão do conhecimento e da força, na sociedade atual. Qual seria mais valorizado? “Deixe de tolices. Por maior que seja, uma casa não enche barriga” (NATSUME, 2008, trad Jefferson J. Teixeira, p.42).

Entretanto, Kuro também não compreende os humanos e o seu senso de justiça, vê- se injustiçado por eles, pois, apesar de ser um grande caçador de ratos, seu dono também não o valorizava:

De que adianta apanhar tantos ratos... Não há ninguém neste mundo mais injusto do que a criatura humana. Tomam os ratos que pegamos e os levam ao posto de polícia. Como os policiais não podem discernir quem de fato os capturou, acabam pagando cinco sens⁵ por cada um deles. **Graças a mim, meu amo já embolsou cerca de um iene e cinquenta sens, mas nem por isso me regala com uma refeição decente. Os humanos são todos ladrões dissimulados.**⁶ (*grifo nosso*).

Nesse trecho, Kuro revela em seu discurso a mesma indignação observada no discurso de Mike, o gato do advogado. Assim como ele, o gato do puxador de riquixá se sente explorado por seu dono, sem ter o seu trabalho reconhecido. Em todos os discursos percebemos a mesma reflexão sobre a postura do homem frente aos seus inferiores: ele explora conforme os seus interesses, sem se preocupar com o que o outro quer. Outro aspecto observado neste discurso é uma possível crítica ao capitalismo, que se aproveita

5 A moeda japonesa, o iene, era dividida em *sen* (décimo de iene) e *rin* (milésimo de iene), os quais deixaram de circular na forma de moeda no pós – guerra.

6 NATSUME, Sôseki, 2008, Trad. Jefferson J. Teixeira, p.22.

das pessoas simples, explora a sua força em benefício próprio e não se importa com o que o outro precisa ou deseja, visando somente o lucro. Como o puxador de riquixá, que, após fazer Kuro caçar muitos ratos, recebia dinheiro no lugar do gato, mas nem mesmo oferecia uma refeição decente a ele.

Retomando a citação do crítico literário Itahana Atsushi (1985), afirmando que os diálogos dos felinos do primeiro capítulo nada mais são “do que uma paródia do mundo dos humanos que forma o mundo dos gatos” (p.28) e podemos dizer que em cada discurso felino é feita uma proposta de reflexão para os próprios seres humanos. Os gatos agem como seres humanos a fim de revelar e discutir os problemas sociais e do caráter humano, ou seja, ao parodiar o diálogo do discurso humano, os gatos revelam o egoísmo intrínseco da essência do homem.

No segundo capítulo surge a gata Mikeko; gata da professora de *koto*, que, ao contrário de Kuro, faz uso de uma linguagem rebuscada, conhecida como *Yamanote*, linguagem esta usada pelos nobres que antes moravam nos bairros residenciais ao sopé das montanhas, sendo inclusive a mesma linguagem de sua dona. Mikeko, apesar de pertencer à classe dos nobres, reconhece o gato de Kushami como um dos seus e o apelida de “professor” (*sensei*). Ele parece também gostar disso, pois é a única que o vê como um alguém com identidade própria; o diálogo entre eles revela um novo posicionamento sobre a relação homem e animal, já que Mikeko, ao contrário dos outros gatos da vizinhança, é amada por sua dona a ponto de ser tratada como um ser humano: “Ela me trata como a uma filha – sorriu candidamente” (NATSUME, 2008, trad. Jefferson J. Teixeira, p.47). Entretanto, a gata pega uma doença desconhecida e morre, apesar dos esforços da dona em levá-la a um médico, que não prescreve nenhum medicamento, ao contrário, ri da situação e diz que não entende nada de gatos. Em seguida, a professora de *koto* e sua criada resolvem enterrá-la com todas as honras como se fosse um ser humano: encomendam uma placa em sua homenagem em estilo budista, acendem velas em um altar e mandam chamar um monge que reza, segundo ele mesmo, a citação mais importante do sutra budista que levaria a alma de Mikeko ao paraíso.

Toda essa história nos faz refletir sobre até que ponto o homem se vê como superior ou igual aos animais; como podemos observar é o outro lado de uma mesma reflexão. Enquanto os gatos da vizinhança, mesmo Kuro, que apesar de sua força sentem-se oprimido pelo ser humano, o autor propõe através da história de Mikeko um outro lado, mostrando um gato é tratado melhor que os seres humanos. Isso nos leva a refletir sobre até que ponto o ser humano também deixa de preferir os de sua raça e cuidar dos de outra, por se sentir mais amado.

Tendo em vista todas essas figuras felinas, notamos que elas, assim como as outras personagens se completam frente ao discurso do gato do professor, que apesar de sem nome, irá nos guiar e nos mostrar duas ou mais perspectivas sobre um mesmo assunto. Ele permite uma análise psicológica profunda, visto que por vezes não o vemos como a um animal: sua linguagem direta, cheia de aforismos e citações de grandes pensadores, levam-nos a vê-lo como a um professor ou um filósofo. Sua figura representa, para

muitos, o alter ego de Sôseki, aquele que revela os sentimentos mais escondidos do ser humano. Para o crítico literário Ôsugi Shigeo (2004), essa divergência entre o gato ser ou não um animal que fala “tem como objetivo nos fazer rir” (p.309), e por ser um gato “falando”, chega aos ouvidos do leitor de forma mais leve e cômica. Muitas vezes através de seu discurso nos pegamos rindo de nossos próprios defeitos.

Uma das formas encontradas pelo autor sobre a qual discutirmos no tópico anterior, em que há a mescla da sátira à ironia e que tem por finalidade criticar a sociedade é a paródia. Exemplo disso é a retomada da personagem mítica do *nekomata*, pois em alguns aspectos ora ele é gato, ora pensa como ser humano, pois como “gato- gnomo” ele absorveria muito do conhecimento humano, até tornar-se um ser humano. O gato do professor Kushami, assim como o *nekomata*, ao ter contato com os humanos, absorve o conhecimento destes – a linguagem rebuscada do professor –, além de conseguir ler o pensamento humano, quando esses lhe tocam os pelos, como se assumisse a forma mágica do *nekomata*. Entretanto, apesar desses dotes mágicos, o autor mantém a sátira inclusive do mito, ao colocar o Neko em situações cômicas, possivelmente para nos lembrar de que o gato-narrador, apesar de sua ligação mítica com outras grandes figuras felinas, não deixava de ser um gato doméstico.

Tomamos como exemplo a cena que o Neko decide comer *mochi*, um bolinho de arroz muito degustado no Ano Novo, quando o seu amo sai com Kangetsu, seu amigo e aluno de um curso de pós-graduação. Ao roubar o bolinho, no entanto, ele reflete sobre quatro verdades: a primeira delas é conhecida como “A ocasião faz o ladrão” (NATSUME, 2008, trad. Jefferson J. Teixeira, p.43), já que estando ele sozinho com o *mochi* na sala, isso favoreceria roubá-lo; a segunda verdade ele descobre ao morder o *mochi* que gruda em seus dentes: “Todos os animais pressentem intuitivamente se algo é ou não apropriado” (Idem, p.44). Quando ele percebe que não consegue tirar de seus dentes o *mochi* e fica engasgado, a terceira verdade surge diante dele: “A necessidade é a mãe de todas as invenções” (Ibidem, p.44). Quando o gato tentar tirar de sua boca o *mochi* com as patas dianteiras, nesse instante os donos da casa chegam e o vêem como se ele dançasse, passando a rir dele. O seu amo ordena que o ajudem e ele descobre a quarta verdade: “O caminho para o conforto é de muitos sacrifícios” (NATSUME, 2008, trad. Jefferson J. Teixeira, p.46); isso se deve à dor que ele sente ao lhe ser arrancado o bolinho preso em seus dentes. A cena descrita revela as duas facetas desse felino que reflete sobre quatro pensamentos filosóficos ou provérbios enquanto sofre com um *mochi* na boca. Ele não é só gato ao sofrer com dor nos dentes, mas também é humano porque racionaliza suas ações e extrai pensamentos filosóficos sobre elas.

Além disso, neste episódio, o autor parodia também a figura do *obakeneko* – o gato fantasma, que, possuído de um espírito do mal, dança e anda sobre as patas traseiras. O gato de Kushami não foi possuído por um mau espírito, mas pela necessidade de se ver livre de um bolinho de arroz anda sobre as patas, numa clara satirização do folclórico.

Em outro momento, essa dubiedade satírica do *obakeneko* será reiterada quando Meitei, outro amigo do professor e esteta literário, ao visitar a casa de Kushami, segura

o gato pelo pescoço e ao perguntar à esposa do professor se o gato caçava ratos, ela responde que não, mas que ele sabia comer *zoni* e dançar; quando Meitei então afirma: “Interessante. Tem realmente o focinho de quem dança. Senhora, este gato tem uma fisionomia insidiosa. Ele é bem parecido com Nekomata, um dos gatos que aparecem nas ilustrações de livros antigos” (Idem, p.94). Não é por acaso que o autor insere no discurso do crítico literário a citação do *nekomata*, nada mais é que uma maneira de reafirmar a identidade paródica do gato – uma figura lendária japonesa, que volta do passado, para entender a vivência humana. Porém apesar da “linhagem” nobre, assim como seu dono ele não é respeitado por quem o cerca.

Há ainda outro trecho no qual o próprio gato reafirma sua superioridade sobre os de sua raça e sobre os seres humanos, não devido à sua força, mas sim à sua inteligência, esperteza e liberdade de locomoção em vários ambientes. Nessa ocasião ele se prepara para ir até a casa dos Kaneda, os vizinhos ricos de Kushami, a fim de conhecer o habitat do inimigo de seu dono, que o ridicularizava no bairro. Ao decidir adentrar a casa do comerciante, ele percebe seu poder e coragem.

Nessa área em particular não existe gato no Japão capaz de sobrepor a minha capacidade. Desconfio que poderia até ser um descendente da linhagem do Nekomata, o gato das ilustrações dos livros antigos. Costuma-se dizer que os sapos têm na testa uma gema que brilha na escuridão, mas em minha cauda carrego não apenas deuses, budas, Eros e Tanatos, mas também a técnica especial passada de geração em geração de enganar toda a humanidade. Posso atravessar os corredores dos Kaneda sem ser percebido por ninguém, mais facilmente que as divindades guardiãs dos templos budistas que esmagam gelatina com os pés. Nesse momento, não pude deixar de admirar meus poderes e percebi que os devo a minha cauda, a qual trato com especial deferência. Desejava venerar o Grande Deus das Caudas Felinas, a quem devoto tanto respeito, orando para que esse poder permaneça por muito tempo ⁷.

Além da satirização do poder lendário dos deuses, causa-nos o riso imaginar que um gato possa ser tão esperto a ponto de perceber que seu poder advém de sua cauda. O gato se define como um descendente de um dos deuses felinos antigos, assim como o próprio Imperador se autoafirmava divino, antes da II Guerra Mundial, não sendo gratuita a comparação ou parodização desse felino sem nome com uma das grandes divindades. Essa situação nos leva a refletir sobre a psicologia do gato que resoluto se declara parente dos deuses, mesmo não sendo reconhecido pelo homem como tal. Ele não se importa com o que pensam dele, já que ele tem consciência de suas virtudes, é o reconhecimento do “gato-indivíduo”. Novamente a ambiguidade na figura do gato é reafirmada: ele não é só gato, por ter cauda, mas também é superior ao ser humano por conseguir sobrepujá-lo, por não ser percebido por ninguém.

7 NATSUME, Sôseki, 2008, trad. Jefferson J. Teixeira, p.128.

Ao propor a figura de um personagem central que embora não tenha pedigree consegue ter acesso a vários ambientes sem ser percebido, como num passe de mágica, o autor alia a simplicidade da figura de um gato comum mesclando à tradição folclórica que perpassava a cultura japonesa. A inexistência de um nome só vem a aumentar nossa busca pela compreensão e identidade desse gato, que pode representar não só a figura do alter ego do autor como alguns críticos sugerem, mas também a voz de nossa própria consciência, a voz do inconsciente do homem moderno frente a um mundo no qual precisa se ajustar diariamente, mas nem sempre consegue. Assim gato pode ser qualquer um, ou todos.

O autor “brinca” com essa imagem do gato fantasma que aparece e some quando bem entende, entretanto o gato do professor não só representa o gato fantasma que parece assombrar a casa e a mente do professor, mas quem sabe até o fantasma que por vezes assola a própria mente humana em busca de entender a si mesmo e o caráter humano. Nele encontramos não só o narrador personagem, mas uma visão daquilo que parece irracional sobre o racional, em suma uma antropomorfização da voz narrativa.

4. Considerações Finais

Como pudemos notar as personagens felinas do romance *Eu sou um gato* são construídas em diálogo com muitas outras figuras felinas da literatura universal por meio da paródia. Esta parodização dessas muitas figuras felinas resulta na recriação desses mitos em uma nova concepção, isso porque, ao corrompê-las e inseri-las em um novo contexto elas assumem uma nova forma e ponto de vista: neste caso elas são aquelas que veem os homens como seres inferiores, devido às suas falhas de caráter. Já o gato-narrador vai além, ele escolhe ora ser felino e ora ser humano, baseando-se em sua personalidade dúbia, parodiando os gatos fantasmas das lendas orientais, comicizando as atitudes humanas a fim de criticá-las, revelando-nos em que o mundo dos humanos se baseia: falsidade e hipocrisia. E isso só é possível graças à possibilidade de locomover-se entre vários ambientes sem ser notado, ou ainda, porque assumindo várias faces, consegue ver o mundo dos homens sem máscara alguma.

Referências Bibliográficas

ARAGÃO, Maria Lucía P. de. A Paródia em a Força do Destino. In: LYRA, Pedro & DIAS, Angela (edit). **Sobre a Paródia**, Revista Tempo Brasileiro 62 – Julho – Setembro, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1980, pp. 97 – 113.

BAKHTIN, Mikhail. III O Plurilingüismo no Romance. In: **Questões de Literatura e de Estética (A Teoria do Romance)**. Trad: Aurora F. Bernadini et al. 6ª ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010, pp.107 - 133.

BALL, Katherine M. **Animal Motifs in Asian Art: An Illustrated Guide to Their Meanings**

and Aesthetics, Massachusetts: Courier Dover Publications, 2004, pp.149 – 156.

BURTON, Tim. **Alice in Wonderland**, 2010, 108 minutos, Distribuição: Disney/ Buena Vista.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANDT, Alain. Gatos. In: **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Editora José Olympio, 2009, 524-525pp.

DARNTON, Robert. Os Trabalhadores se Revoltam: O Grande Massacre de Gatos na Rua Saint-Severin. In: **O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa**, Tradução de Sonia Coutinho, Rio de Janeiro: Graal, 1986, (Biblioteca da História, 13), pp.103 – 136.

FUJII, James A. *Between Style and Language*. In: **Complicit Fictions: The Subject in the Modern Japanese Prose Narrative**, California: University of California Press, 1993, pp.103 – 125.

HADLAND, Davis F. **Myths and Legends of Japan**. Londres: George G. Harrap & Company, 1913, pp.264 -270.

NATSUME, Sôseki. **Eu sou um Gato**, Tradução de Jefferson José Teixeira, São Paulo: Estação Liberdade, 2008, 488p.

ÔSUGI, Shigeo. *Katarite to Iu Te* (O Instrumento Chamado Narrador). In: **Anchi Sôseki – ko Yumei Hihan** (Anti Sôseki – Crítica as suas Características Peculiares), Tóquio: Kodansha, 2004, pp.305- 314.

SAKAI, Stan. **Obakeneko** (O Gato Fantasma), 2004 Disponível em <http://www.usagiyojimbo.com/other/stories/obakeneko-geishu-clan.html>, Acesso em: Agosto de 2010.